**Maria Valéria Rezende, a história, a memória, e a autoficção em *Outros Cantos***

***Maria Valéria Rezende, history, memory, and self-fiction in Outros Cantos***

Diana Rodrigues dos Reis[[1]](#footnote-1)

**RESUMO:** O presente artigo identifica na obra *Outros Cantos* (2016), de Maria Valéria Rezende, resquícios da história da autora misturada com o gênero autoficção. Para concretizar essa análise, o embasamento será feito utilizando os estudos de Bakthin (2002), Moises (2016), Gagnebin (2006). A literatura contemporânea tem apresentado como tendência a multiplicidade de gêneros, a mistura de diversos gêneros literários relacionados com a história e a realidade. Nesse ínterim, há a possibilidade de se notar a presença de dois gêneros literários presente na obra *Outros Cantos,* de Maria Valéria Rezende: o gênero memória e autoficção. Maria Valéria Rezende envolve o leitor em sua produção de maneira que o real e o ficcional misturam-se. A ditadura militar, problemas de cunho social e ideológico, questões e conflitos culturais num espaço ficcional se fazem presentes. Há, na obra *Outros Cantos,* a presença do entrelaçamento entre história, memória e autoficção.

**PALAVRAS-CHAVE:** Maria Valéria Rezende, *Outros Cantos*, Autoficção, História, Memória.

**ABSTRACT:** The present article identifies in the work Outros Cantos (2016), by Maria Valéria Rezende, remnants of the author's history mixed with the autofiction genre. To carry out this analysis, the foundation will be made using the studies of Bakthin (2002), Moises (2016), Gagnebin (2006). Contemporary literature has tended to be a multiplicity of genres, a mixture of different literary genres related to history and reality. In the meantime, there is the possibility of noticing the presence of two literary genres present in the work Outros Cantos, by Maria Valéria Rezende: the memory and self-fiction genre. Maria Valéria Rezende involves the reader in her production in a way that the real and the fictional mix. The military dictatorship, social and ideological problems, cultural issues and conflicts in a fictional space are present. There is, in the work Outros Cantos, the presence of the intertwining between history, memory and self-fiction.

**KEYWORDS:** Maria Valéria Rezende, Other Cantos, Self-fiction, History, Memory.

**INTRODUÇÃO**

A obra *Outros Cantos* (2016) foi escrita por Maria Valéria Rezende. Militante e religiosa, a autora enfatiza, entre outros aspectos, questões ligadas à sua própria história, vivências pelas quais enfrentou se manifestam na obra *Outros Cantos* de maneira híbrida; ou seja, Maria Valéria Rezende utilizou-se dos gêneros autoficção e memória para criar uma obra rica em detalhes, o que de certa maneira expõe algo familiar às suas lutas como mulher e profissional da educação. Ao entrelaçar a memória da autora e utilizando-se do gênero autoficção, nasce a obra *Outros Cantos* (2016).

A memória pode ser considerada como resquício de lembranças passadas que, por sua fragilidade, corre o risco de ser perdida ao longo do tempo. Também pode ser considerada traumática à medida que o sujeito percorre por um caminho no qual lembranças dolorosas são recordadas. Maria Valéria Rezende em sua obra *Outros Cantos* rememora momentos traumáticos no qual vivenciou e que faria bem em esquecer, porém a autora vê a importância dessas lembranças e, mesmo que firam, precisam ser rememoradas, e para isso utiliza-se do gênero autoficção.

Na autoficção não existe um pacto com a verdade, por ser um gênero que permite narrar sua própria história sem manter um comprometimento fiel a todo momento com o real, oferecendo, assim, liberdade criativa ao escritor. Dessa forma, Maria Valéria Rezende utilizando-se da memória e autoficção, desperta o interesse do leitor contemporâneo aos indícios históricos deixados na obra. Essa mistura entre memória e autoficção tornou-se uma estratégia da autora a fim de induzir o leitor, que se identifica com o ficcional, a refletir aspectos históricos, como é o caso da ditadura militar que sutilmente é abordado na obra *Outros Cantos.*

 *Outros Cantos* foram publicados em 2016, é uma obra pertencente à literatura contemporânea, uma literatura que mantém, a mistura de estilos, apresenta temas ligados ao cotidiano, história social e urbana. Diante disso, a possibilidade de se ter gostos, estilos e gêneros diversos é grande e se faz real. Os autores da literatura contemporânea chamam a atenção para realidades de cunho social, ideológico e cultural, mas o fazem sem maiores preocupações com fórmulas prontas, alinhando-se a um experimentalismo.

Maria Valéria buscou enfatizar a ditadura militar de maneira muito sutil, contudo ao leitor este assunto histórico torna-se perceptível. Em alguns rápidos momentos, ela rememora cenas que indicavam atitudes de pessoas que vivenciam um período ditatorial: o homem reconhecido por Maria apenas por um fixo olhar, afinal tem variadas identidades, e aparece a ela em diversos lugares. Logo, trata-se de uma pessoa que está em fuga, prática comum vivida por muitos no período de repressão. Maria Valéria utiliza-se do fictício para tratar de assuntos reais e consequentemente induzir o leitor à reflexão.

*Outros Cantos* apresentam a personagem fictícia Maria cruzando o sertão dentro de um ônibus que a leva a algum ponto isolado do Nordeste. No transcorrer da viagem, ela relembra sua primeira ida àquele lugar. Suas lembranças são aguçadas, como o cheiro que sente, as pessoas que entram no ônibus entre outras situações. Diante disso, a obra vai descrevendo acontecimentos vivenciados por Maria e sutilmente encaixa situações de cunho social e ideológico. Logo, é possível concluir que Maria Valéria Rezende utiliza-se da autoficção e de resquícios da memória para compor a obra *Outros Cantos*.

**1. Maria Valéria Rezende e *Outros Cantos***

Maria Valéria Rezende (1942) nasceu em Santos, numa época em que as mulheres eram vistas e reconhecidas pela sociedade como mulheres do lar ou freiras. Maria Valéria optou pela segunda oportunidade permitida, tornou-se freira: “uma freira escritora” (Piacesk, 2019, p.251). Sua vida é marcada pela dedicação aos mais vulneráveis e seu amor pela escrita. A junção de tais características fez de Maria Valéria uma mulher dedicada à educação popular. Por ser uma mulher engajada, militante, não se conformou em viver como a maioria das mulheres de seu tempo e devido a isso viajou a diversos países compartilhando de suas experiências com trabalhos sociais.

Em Santos (SP), onde nasceu, morou até os dezoito anos, dedicando-se, também, à Educação Popular: primeiro na periferia de São Paulo e, a partir de 1972, no Nordeste. Entrou ainda jovem para Congregação de Nossa Senhora – Cônegas de Santo Agostinho, uma ordem religiosa dedicada ao ensino das crianças e auxílio aos doentes. Incumbiu-se de trabalhos de educação popular no interior de Pernambuco e, posteriormente, transferiu-se para o sertão da Paraíba; e, desde 1988, mora em João Pessoa. Escreve prosa, poesia e aborda temas relacionados a medo, lealdade, relações sociais, violência contra a mulher, analfabetismo, trabalho escravo, fome. É ativista e participa do Movimento Mulheres das Letras. Através da obra *Outros Cantos*, Maria Valéria Rezende conquistou o Prêmio “Casa de Las Américas” em Cuba (2017), o Prêmio “São Paulo de Literatura” e o terceiro lugar no Prêmio “Jabuti”(2017). Estreou a ficção em 2001 com o livro de contos *Vasto mundo*. Depois escreveu livros infanto-juvenis e o elogiado romance o *Vôo da guará vermelha*. Maria Valéria participou da resistência contra a ditadura e viajou para vários lugares do mundo, em diversas atividades missionárias. Em entrevista concedida a Daiana Patrícia F.Piaceski,(2019), ao ser questionada sobre suas obras e de onde saiam os livros, Maria Valéria declara que saíram:

(...)de um imenso depósito que tem na cabeça, de peças de vários *puzzles* todas misturadas, que foram nos entrando pelos cinco sentidos através da vida, com todos os tipos de sensações que você tem, que vem de fora do mundo que vem de dentro de seu estômago, do rim, do enjôo que você sentiu, da tontura, de tudo que a gente já viu e já viveu. Eu tenho certeza: minha cabeça nasceu vazia. Tudo que tem lá dentro, entrou. Só que aquilo que você foi absorvendo do mundo e no mundo eu me incluo a mim mesma... (REZENDE, 2017, citado por PIACESKI, 2019, p.255)

A obra *Outros Cantos* apresenta indícios dessas sensações declaradas por Maria Valéria. Quando a personagem Maria sente o cheiro do passageiro sentado ao seu lado na viagem de ônibus, sua memória é aguçada e “O odor flui da minha memória”. (REZEENDE,2016, p.09). Maria Valéria Rezende é uma artista grandemente premiada, culta, com vocação religiosa e militante. Diante disso, é possível constatar que suas publicações incluem suas próprias sensações vivenciadas de um passado próximo ou distante, tudo depende de como essas experiências impactaram a vida da autora. *Outros Cantos* é uma obra que carrega muitas de suas próprias memórias.

Protagonista, a personagem Maria cruza o sertão dentro de um ônibus que a leva a algum ponto isolado do Nordeste. Durante a viagem, relembra sua primeira incursão ao sertão nordestino. As lembranças de Maria, personagem central, são aguçadas e as memórias de seu passado são vivenciadas novamente.

O ônibus parou arquejando, e eu adivinhei que ele vinha sentar-se ao meu lado, apesar de tantas cadeiras vazias. Ele veio, grande, maciço, cheirando a couro curtido, suor e tabaco. O odor flui da minha memória, decerto, porque este ao meu lado veste-se como um caubói de rodeio e cheira a água-de-colônia barata. [...[ Difícil deixar de olhá-lo, ainda mais quando sua figura se transforma, à contraluz, em silhueta de perneira, gibão e chapéu de couro, estátua encourada revolvendo-me as lembranças.(REZENDE,2018,p.9)

Quarenta anos antes, Maria Valéria Rezende havia ido ao sertão nordestino com a intenção de exercer a função de professora alfabetizadora do Mobral: um programa publicado no diário oficial que listava municípios que necessitavam de alfabetizadores. A história se passa na mente de Maria intercalando-se em dois planos: linear, Maria viajando num ônibus desfiando suas memórias; e flashback, as memórias de Maria incluindo o período da ditadura militar. A obra apresenta narrador em primeira pessoa. A narradora-protagonista faz uma viagem de ônibus ao sertão para dar uma palestra, no caminho ela relembra sua primeira ida ao município fictício de Olho D’água com a desculpa de ministrar aulas para jovens e adultos num programa do governo militar. “[...] fazia trinta anos no dia que me meti pela primeira vez nesta aridez[...]” (REZENDE, 2018, p.10). A verdade é que Maria era militante de esquerda enviada para organizar os trabalhadores. A intenção era conscientizar o povo.

Eu me tinha apresentado seguindo um pequeno anúncio num diário oficial listando os municípios onde se necessitavam alfabetizadores para o Mobral, e fui logo aceita, sem mais perguntas, porque, de Brasília, pressionavam os chefetes políticos da região, e ninguém mais, capaz de enfileirar uma letra atrás da outra, estava disposto a se exilar em Olho d’Água [...] (REZENDE, 2018, p.31)

Ao chegar no povoado, Maria integra-se ao cotidiano e aos costumes daquela comunidade, a escola não está pronta, não tem materiais e muito menos salário. “[...] ainda à espera da designação de um local e do material didático mínimo, como o vereador me tinha prometido, ‘só lá pra depois das festas e das férias’[...].” (REZENDE, 2018, p.45). No transcorrer dos dias Maria percebe a dura realidade daquele povo. Os principais personagens são: Maria, Fátima, amiga de Maria, Tião, esposo de Fátima, Antônio, vaqueiro encantado, Jonas e Biuzinho, filhos de Fátima.

 O vereador demora de chegar, nesse ínterim, como válvula de escape, Maria recorre a sua caixinha de patuás cheia de objetos que a faz rememorar diferentes épocas da sua vida na qual há a presença de uma figura mítica, um homem que aparece sob diversos corpos, ou melhor identidade, subentendendo tratar de alguém muito próxima a ela, de maneira muito furtiva, encontram-se e comunicam-se por um profundo e fixo olhar. Este ser é representado por vários tipos, que variam conforme o lugar de onde falam: no sertão, é o vaqueiro; em São Paulo, o líder estudantil; no Rio, um adolescente motoqueiro chamado Harley; no México, um viajante chamado Miguel. Sempre que os olhares da protagonista e estes homens se encontram, eles lhe entregam um objeto, todos eles guardados na caixinha de patuás tornando-se o rastro dessas lembranças absorvidas na memória de Maria.

[...]Dessa vez não foi o emblema de Harley –Davidson a atrair a minha mão. Dessa vez[...]peguei imediatamente, [...] a estrela de prata caída [...] do chapéu do vaqueiro de olhar tão intenso que me deixara perturbada [...].Encontrei um velho bilhete de metrô[...]eu acreditava ter caído do bolso do dono do mesmo olhar que cruzara com o meu sobre a ponte Saint-Michel, em Paris, e trouxe-me outra vaga de lembranças. Larguei a estrela metálica, perigosa não só porque podia feri minha mão, mas porque revolvia uma raladura tão recente, ainda em carne viva. (REZENDE, 2018, p.69-70)

 Entre as lembranças de Maria entrelaçam-se uma série de histórias narradas tanto por Maria quanto pelo povo de Olho d’Água, umas tristes, outras engraçadas. Histórias que enfatizam a realidade do povoado fictício de Olho d’Água. Maria adoece, é cuidada por Fátima e seus filhos. E depois de tanta espera o vereador enfim chega com um material sucateado, em pouca quantidade e impróprio, pois traz uma realidade oposta ao conhecido por aquela gente. Maria nota que a primeira palavra a ser trabalhada é tijolo e percebe a ironia: “mundo de taipas, madeira rústica, telhas tortas e palha.” (REZENDE,2018, p.139). Maria não desiste na busca pela conscientização do povo, traça estratégias, faz refletirem, até que certa noite, ao ouvir conversas confusas sobre perseguição e morte, Maria parte “deixando para traz, na escuridão os vultos que me acompanharam até as portas traseiras do caminhão. [...] ninguém viria para aquele canto depois de mim.” (REZENDE,2018, p.145)

 A autora enfatiza questões de cunhos social e ideológico, os quais podem terem feito parte de sua vida, afinal ela foi militante e exerceu a profissão de professora. Sua ênfase ao período de ditadura sofrida no país também se torna sutilmente evidente. Diante disso, temos na obra *Outros Cantos* resquícios da história do país, da memória de Maria Valéria acompanhada pelo gênero autoficção.

**2. Literatura Contemporânea e a hibridização de gênero**

As obras produzidas por volta do final do século XX e a primeira metade do século XXI têm sido consideradas literatura contemporânea. Grosseiramente podemos defini-la como a literatura da atualidade, aquela na qual vivenciamos de perto. Apesar de se ter a representação da realidade, a literatura contemporânea traz sobre si uma série de características nas quais dentre elas é possível destacar a multiplicidade; ou seja, há um apanhado de diversas épocas literárias, a mistura de estilos literários contemplando gostos diversos, temas do cotidiano, história social e urbana são outras características presentes.

Na literatura contemporânea, o que se observa é que ainda persiste a representação da realidade, entretanto, essa realidade é percebida pela fragmentação, por estilhaços de linguagens de outros sistemas semióticos, pela mescla estilística e por referências mercadológicas, televisivas e da cultura de massa em geral. (SILVA,2015, p.41)

 Apesar de se ter a realidade como uma característica que persiste na literatura contemporânea, Silva (2015) repassa a ideia de que ‘estilhaços de linguagens de outros sistemas semióticos’ são percebidos dentro dessa realidade. Diante disso, é possível compreender que a literatura contemporânea mantém uma mistura de estilos, um ecletismo que contempla gostos diversificados. Nesse ínterim, há a possibilidade de considerarmos a questão de hibridização de gênero como uma característica também presente. Para entender a literatura contemporânea, é necessário conhecer as questões culturais nas quais sua produção está embasada, até por que “ não há, na literatura produzida a partir das décadas de 80 e 90, um projeto estético ou político único, cujos traços possibilitem defini-la sob um rótulo”(SILVA,2015,p.42)

A referencialidade histórica da literatura contemporânea se localiza no final do regime militar, principalmente a partir da década de 80, período no qual a literatura começa sua produção com temas variados, todos eles dialogando com o momento no qual estão inseridos seja negando ou confirmando os acontecimentos. Esse diálogo notado visa procurar na História resquícios deixados que darão voz aos silenciados, aos esquecidos. Logo, a literatura contemporânea busca enfatizar a realidade histórica esquecida e faz aparecer os silenciados, como é o caso da verdade sobre os desaparecidos, sobre os mortos e todos aqueles que de alguma maneira sofreram e passaram pelo período da ditadura. Diante disso, temos uma questão a ser considerada: a realidade vista sob o olhar do outro.

Há na produção literária contemporânea a permanência de um pensamento crítico sobre diversos assuntos, relacionando-os ao modo de pensar do próprio autor. Pensando na literatura como produto de mercado da massa, há a possibilidade da produção literária produzir reflexões sobre os fatos. Fatos estes que ocorreram, têm ocorrido e caminharão para que outros fatos ligados a estes venham a acontecer caso sejam esquecidos.

Silva (2015) argumenta que “a relação entre cultura e mercado se tornou estreita”, logo, por vivermos numa sociedade capitalista, os meios de comunicação possibilitam a sua ‘propagação’ e o gosto do público consumidor é levado em consideração. (SILVA,2015, p.43). Diante disso, há a possibilidade de se misturar a realidade com a ficção, provocando uma reflexão sobre assuntos reais.Todas essas possibilidades podem ser notadas particularmente na obra *Outros Cantos* de Maria Valéria Rezende, na qual a autora utilizando-se da sua arte com as palavras sutilmente mistura fatos ocorridos na sua vida com a ficção.

**3. Análise da obra *Outros Cantos* de Maria Valéria Rezende**

A obra *Outros Cantos* apresenta diversos personagens dentre os quais podemos citar: Maria, protagonista e professora que chega a Olhos D’água com a incumbência de alfabetizar jovens e adultos; Fátima, moradora do sertão, mãe e amiga de Maria; Antônio, vaqueiro encantado; Tião, marido de Fátima e Jonas e Biuzinho, filhos de Fátima.

*Outros Cantos* é uma obra na qual o leitor caminha por dois espaços: no presente, durante a viagem de ônibus; e, quando a protagonista tem suas histórias rememoradas, volta-se ao passado, para o sertão nordestino. O romance vai se desenrolando num vai e vem entre esses dois espaços. Há dois planos que se intercalam durante a narrativa: o linear: Maria no ônibus rememorando acontecimentos de quarenta anos atrás; e por meio do fluxo da consciência, a partir das memórias de Maria, relembrando sua experiência durante a época da ditadura militar. A narradora Maria faz uma viagem de ônibus ao sertão para dar uma palestra em um sindicato de agricultores. No caminho, após sentir o odor do passageiro acomodado ao seu lado, suas memórias fazem relembrar a primeira ida a esse lugar: “o odor flui da minha memória, decerto, porque este ao meu lado veste-se como um caubói de rodeio e cheira a água-de-colônia barata.”(REZENDE,2018,p.09).

Proust, em seu livro *Em busca do tempo perdido,* comenta sobre essa lembrança olfativa que de certa forma acessa a memória involuntária, ao reportar-se sobre como que, ao saborear um biscoito molhado no chá, recorda de momentos da infância que o gosto do biscoito (chamado Madeleine) fizera aflorar à sua consciência. A personagem tem a mesma sensação olfativa, pois suas lembranças afloram a um tempo passado muito marcante.

 Há quarenta anos sua incumbência era ministrar aulas ao Mobral, programa de alfabetização de jovens e adultos. A verdade é que Maria era militante e pretendia conscientizar o povo. A obra enfatiza uma referencialidade histórica ligada ao período da ditadura militar ocorrida no Brasil, período no qual a liberdade de expressão era controlada por um governo militar. Neste período, intelectuais, professores e muitos militantes foram perseguidos por um governo de repressão. A personagem Maria é a representação dessa classe de pessoas: uma professora que ministra aulas para adultos no sertão nordestino e que pretende conscientizar o povo, e, devido ao fato da imprensa ser impedida, pelo regime ditatorial, de exercer seu papel informativo, muitos indivíduos eram enganados ou tinham a verdade impedida de ser propagada; logo, aqueles que lutavam contra o militarismo tinham a função de conscientizar o povo.

No povoado, Maria logo se integra à comunidade participando ativamente do cotidiano dos tecelões de redes, passando a compreender a realidade sertaneja. Os meses passam e Maria se vê insegura, esquecida inclusive por seus companheiros militantes. Nesse ínterim vemos Maria recorrendo a uma válvula de escape: a caixinha de patuás, a qual possuía dentro de si diversos objetos que a levava às lembranças guardadas na memória.

[...]abri a caixinha contendo todas as minhas relíquias, os olhares fugidios que nunca me deixaram, meus fantasmas, enfim, desde os mais remotos até os mais recentes. Dessa vez não foi o emblema de Harley-Davidson a atrair a minha mão. [...]Peguei com uma das mãos a estrela do vaqueiro, com a outra me pus a remexer no resto dos meus preciosos guardados, ninharias para qualquer um menos para mim. Encontrei, deitado no fundo da caixa, um velho bilhete de metrô, já picotado. Aquele velho bilhete eu acreditava ter caído do bolso do dono do mesmo olhar que cruzara com meu sobre a ponte Saint-Michel, em Paris, e trouxe-me outra vaga de lembranças. (REZENDE,2018, p.69,70)

Ao “atrair” objetos como o emblema de Harley-Davdson, o bilhete de metrô e a estrela do vaqueiro, a autora nos leva a enxergar a importância das lembranças, mesmo as dolorosas precisam ser lembradas e posteriormente documentadas, a fim de deixarem de ser memória e tornar-se efetivamente história. Os objetos guardados na caixinha de patuás são rastros que conduzem a lembranças guardadas na memória, que não permitirão apagamento algum. Sobre a obra, Rezende nos declara que *Outros Cantos* são um “romance magistral, sobre as viagens movidas a sonhos.” (REZENDE,2016, citado por PIACESKI,2019,p.253), nos permitindo visualizarmos lembranças dentro de outras lembranças. Entre os objetos da caixinha de patuás, há aqueles relacionados a uma figura mítica de um homem que surgira em diferentes épocas de sua vida com nomes e funções distintas tendo em comum apenas olhar fixo e penetrante que é lançado a ela. Ele é o vaqueiro, o líder estudantil, o adolescente motoqueiro conhecido como Harley Davidson. Subentende-se que esse misterioso personagem vive em fuga utilizando-se de diferentes lugares e identidade. Maria, por sua vez, o reconhece por um penetrante olhar. Através desse personagem mítico, a obra rememora a fuga de muitos militantes no período de repressão. Muitos no período saíram do país. No livro *Batismo de Sangue* há o relato de croquis com mapas que eram disponibilizados para aqueles que buscavam passar na fronteira e, consequentemente, sair do país (BETTO,1987, p.09). Tal realidade é inovada pela obra *Outros Cantos* através da criação desse personagem mítico encontrado por Maria. Diante disto, há a possibilidade de reconhecer a mistura entre história, memória e ficção, se entrelaçando de tal maneira que muitas vezes torna-se “difícil descolar narrador de autor” (KLINGER,2018,p.12), e isso faz da obra uma obra ‘magistral’, de modo que a literatura contemporânea visa procurar na história os silenciados. Logo, temos em *Outros Cantos* história, memória e ficção

*Outros Cantos,* de Maria Valéria Rezende, é rica em informações, visto que a autora transmite ao leitor diferentes realidades da vida social, dentre os quais citamos os costumes regionais, a desigualdade, a superstição e as suas próprias memórias: “Ao contrário dos outros passageiros, a notícia de que a viagem se alongará e, talvez, segundo meu desejo, se torne infindável, em nada me desagrada. Ainda há tanto a rememorar!” (REZENDE, 2018, p.64). Na viagem de ônibus, eram relembradas as histórias que os moradores do nordeste contavam para ela. Muitos casos entrelaçam o romance, casos tristes e engraçados ligados a cultura daquele povo que por muitas vezes causa estranheza à Maria. Alguns desses contos são conhecidos como: a história da velha e a criança, a história de Alzira e o filho Candinho, a história de Luizinho, a história de Lázaro, Parafuso, amigo de Manuel e seu Tito, entre outros contos.

Quantas histórias possuíam! Algumas tão extraordinárias e imaginativas que eu muitas vezes pedia de novo, compondo assim minha biblioteca mental talvez mais rica do que a outra, de papel, trazida na minha exígua mochila. (REZENDE, 2018, p.87)

Maria torna-se, aos poucos, parte daquela gente sofrida. Ela vivencia uma realidade social distinta da sua e busca com todas as suas forças, até adoecer inclusive, mudar aquela situação.

Quando ofereci um lápis vermelho para Biuzinho e um verde para Jonas, receberam-nos nas mãos em concha e ficaram a olhá-los com um misto de respeito e espanto. Só então me ocorreu que talvez não soubessem o que fazer com eles e lhes disse para os guardarem com cuidado até o dia seguinte, quando eu mostraria como se divertir com aquilo. (REZENDE, 2018, p.55)

Com sutileza, Maria Valéria Rezende compõe um retrato emocionante de uma mulher determinada que sacrifica a própria vida em troca de algo maior. No romance a autora apresenta situações ligadas aos aspectos culturais envolvendo a questão de religiosidade, violência doméstica, “ele me bate quando quiser” (REZENDE,2018,p.125), aspectos sociais: uma menina morrendo desidratada deixa Maria desesperada que tenta livrar a menina da morte, porém sem sucesso Maria presencia o “caixãozinho carregado apenas por outras crianças”(REZENDE, 2018, p.129). A narrativa evidencia a característica militante de Maria que, disfarçada de professora tinha o objetivo de conscientizar os sertanejos sobre os coronéis da terra – ‘os donos’:

Minha tentativa de conscientizá-los, como propunha o mestre educador, porém, esbarravam sempre na doutrina que lhes tinham destilado por séculos, ‘A vida é assim mesmo, o que Deus fez a gente tem de aceitar. Ele sabe por que a gente nasceu pobre para viver pobre até chegar no céu’. Já se falava em eleição, e tentei fazê-los refletir e questionar as práticas políticas, conforme minha cartilha de educadora revolucionária. ‘Quem é o candidato a prefeito? Já o conhecem?’ Claro que sim, filho e neto de prefeitos, era o candidato pela segunda vez. ‘Lembram quem foi que ele nomeou, da primeira vez, para os cargos importantes da prefeitura? ‘Claro, como eu previa, a mulher, o sogro, a filha, o cunhado, o afilhado...’E vocês acham que isso está certo? ‘Certíssimo, achavam todos, as cabeças assentindo convictas, pois ‘se ele não ajudar nem a família dele, a quem mais é que vai ajudar?’. Eu esmorecia, levava uns dias abanando afanosamente minhas esperanças para reaviar-lhes as brasas, e continuava. (REZENDE,2018, p.143)

Sem muito sucesso, Maria buscava conscientizá-los, porém o choque cultural é evidente. Naquele lugar, é revelada a identidade de Maria como uma militante que busca ensinar e dar consciência àqueles que ali nasceram, pessoas que viviam e possivelmente morreriam ali. Aos poucos, diante das lembranças rememoradas, percebe-se que a protagonista vai se desarmando; ou seja, se entrega ao trabalho e, superando suas próprias incompreensões, penetra no ambiente daqueles personagens. Vivencia e se torna um deles, compreendendo suas próprias realidades e tornando-se muito próxima deles. Como educadora, Maria buscou estratégias de ensino numa determinada busca por seus objetivos, começou a ‘ler todos os dias os Evangelhos’(REZENDE,2018, p.144) na esperança de encontrar uma teologia que pudesse fazer entender toda aquele conformismo que possuíam frente à “exploração e à injustiça”(p.144).

O vereador finalmente aparece com um material sucateado e impróprio à realidade local. Esta situação provoca em Maria um engajamento na busca por adaptações e conscientização àqueles que não vê importância alguma na alfabetização de adultos. “Eu, porém, sabia muito bem como proceder para tirar daquilo mais do que o simples bê-á-bá, ir muito mais longe, despertar, eu acreditava, a consciência e a força do povo para mudar aquele mundo de injustiças.” (REZENDE,2018, p.139)

Maria tinha uma árdua missão de mudar o pensamento alienado de um povo que se acostumou a se ver nascendo pobre e morrendo pobre, sem perspectiva alguma de crescimento, porém, as coisas não ocorreram como ela esperava, seus sonhos foram interrompidos pela ditadura. Numa noite acordou e ouviu conversas confusas sobre perseguições e morte. Ela teve que fugir para sobreviver: “Parti, deixando para trás, na escuridão, os vultos que me acompanharam até as portas traseiras do caminhão. [...]Ninguém viria para aquele canto depois de mim.” (REZENDE,2018,p.1455) Quarenta anos se passaram e Maria volta ao sertão e percebe que não é o mesmo, é outro canto. Pessoas diferentes, casas modificadas o tempo é outro.

**4 Memória e Autoficção em *Outros Cantos***

A partir da década de 1980, muitas obras foram sendo produzidas tratando da vida do próprio autor e, ao mesmo tempo, não se encaixava em nenhum gênero conhecido até então. “Não eram autobiografias, porque não narravam a vida inteira do autor, mas apenas alguns momentos desta. Não eram confissões, porque não tinham nenhum objetivo de autojustificação e nenhum caráter purgativo.” (MOISES,2016, p.204). Ou seja, as obras tratavam de relatos que expunham a vida do autor, porém não completamente, eram, de acordo com Moises (2016), uma “autoexposição”, pois tratava-se de relatos da vida do autor “mais ou menos fictícios”. Esse tipo de literatura, denominado como autoficção, segundo Moises (2016), tornou-se uma ‘tendência umbilical’. Nossa época é carregada de individualismo e narcisismo. As redes sociais, grosseiramente falando, tem se tornado uma ferramenta na qual a contemplação de si e do outro tem se tornado exageradamente natural. Diante disso, é possível observar que tendências literárias que consigam atingir o outro de certa forma devem estar relacionadas a expor algo sobre a vida de alguém.

Falar de si mesmo por escrito é comunicar-se com um leitor virtual, o qual, por sua vez, pode buscar, na individualidade do escritor, as semelhanças com ele mesmo e as respostas que lhe faltam em sua existência individual. Portanto, a autoficção não é necessariamente descartável. (MOISES,2016, p.206)

Portanto, é possível constatar que a autoficção tornou-se um gênero literário utilizado pelos autores como ferramenta para chamar a atenção do leitor à sua mensagem. Maria Valéria Rezende em sua obra *Outros Cantos* usa dessa técnica, ela expõe ao leitor resquícios de sua vida misturada com ficção para com isso conduzir o leitor a refletir sobre assuntos de cunho social e ideológico. No referido livro, ela envolve o leitor numa mistura de sensações definidas por ela mesma como “cinco sentidos” que entram através da vida. (REZENDE,2017, citado por PIACESKI,2019, p.255). Logo, a autoficção enquadra-se como um gênero no qual, apesar de tratar da vida do autor, não tem a necessidade de ser detalhadamente fiel aos fatos. A definição de autoficção fornecida pela *Encyclopaedia Universalis*, segundo Moises (2016, p.207), é a de que se trata de um gênero que reúne romance, memórias e biografia romanesca, porém há discussões a respeito dessa definição. Apesar disso, há a possibilidade de visualizar essa relação na obra *Outros Cantos*, a autora expõe fatos rememorados de sua vida num romance que envolve, dentre outras características, muitos detalhes históricos, e que, apesar de serem reais, não têm a obrigatoriedade de se ter exatidão dos fatos até porque “toda e qualquer narrativa, mesmo aquelas que se pretendem mais coladas ao real, têm algo de ficcional.” (MOISES,2016,p.208).

 Assim como a autoficção, a memória também está presente na contemporaneidade, tornando-se um assunto discutido entre os sujeitos da pós-modernidade, por vivermos num mundo no qual tudo é relativo, é evidente que essa busca em conservar o passado se torna mais constante. Sobre isto, Gagnebin (2009) argumenta: “[...] relação entre presente e passado também é profundamente histórica. Pode-se escrever uma história da relação do presente com a memória e o passado, uma história da história, por assim dizer, o que já foi iniciado por vários autores.” (GAGNEBIN,2009, p.39). Os autores que utilizam de sua memória na elaboração e na publicação de suas obras literárias estarão escrevendo a ‘história da história’; ou seja, o conteúdo a ser apresentado aos leitores terá uma relação entre o que viveram e o que pretendem rememorar, somando-se a acontecimentos do presente. Essa hibridização é muito sutil, ao mesmo tempo em que há a possibilidade de enxergar resquícios da memória por outro lado, o autor, humano e limitado, não consegue recuperar todos os detalhes. Essa limitação indica que obras nas quais o gênero memória está introduzido pode ser visto como tudo história e tudo memória, de maneira que o limite exato de onde começa um e termina o outro torna-se complexo, ao que Gagnebin (2009) conclui: “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘tal como ele propriamente foi’, significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela cintila num instante de perigo.” (GAGNEBIN,2009, p.40)

 Diante disso, é possível identificar que a naturalidade do passado não pode ser vista livre de resquícios, ou seja, impenetrável, pelo contrário, utilizar a história é, segundo Walter Benjamim, ‘apoderar-se’ das lembranças armazenadas em nossa memória que no presente se faz primordial ou importante relembrar. Maria Valéria Rezende, na obra *Outros Cantos,* se apodera de suas lembranças. Em determinado momento, ao ouvir o canto gregoriano narra que “aos meus ouvidos ecoaram alguns daqueles versos em tons de canto gregoriano, gravados na lembrança já parecendo tão remota: *Rorate coeli desuper, et nubes pluant justum...* Quem, como, quando lhes teriam ensinado a rezar assim?”(REZENDE,2018,p.66)

 Essas memórias estão intrinsecamente relacionadas como o “tempo agora”. (GAGNEBIN,2009, p. 41 citando BENJAMIM). No transcorrer da viagem, Maria relembra suas experiências vividas há alguns anos atrás. Nesse ínterim, somos conduzidos para dentro de seus pensamentos e um novo cenário nos é apresentado. Todo esse cenário pode ser verdadeiro, porém a obra é carregada de detalhes que nos faz interrogar uma série de questões envolvendo o espaço inicial do ônibus. Não há indícios apresentados na obra de que no exato momento da viagem Maria estivesse escrevendo, portanto, a impossibilidade de que todas as histórias presentes no romance fossem verdadeiras, em seus pormenores, tornam-se inviáveis, uma vez que a descrição dos fatos em sua íntegra está condicionada a lembranças que, com o tempo vai se perdendo, limitando-se, apenas, a ser memória. Acerca disso, Moises (2016, p.208) nos diz: “Toda e qualquer narrativa, mesmo aquelas que se pretendem mais coladas ao real, têm algo de ficcional.”

A psicanálise lacaniana conhece bem essa injução da narrativa verbal. Ela chama esse discurso de *imaginário,* e é sobre ele que o psicanalista concentra sua atenção, sabendo que o *real* não pode ser alcançado diretamente, e só se manifesta nas repetições ou nas breves aberturas fornecidas pelos lapsos ou pelos sonhos. Quando narramos nossa vida ou algum acontecimento dela, alimentamos autoficções. [...]Portanto, definir autoficção literária em função de sua veridicidade é uma falácia. (MOISES,2016, p.208)

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A hibridização de gênero se fez intrinsecamente presente na construção da obra inclusive de maneira intencional, tendo em vista que Maria Valéria Rezende é uma autora engajada em projetos de cunho social, militante, freira e escritora que buscou enfatizar problemas sociais que se fizeram presentes na sua experiência do passado e, ainda, estão em nosso meio. Seu livro sutilmente nos leva a eventos marcantes na memória da autora, entretanto, a autoficção não tem obrigatoriedade com a verdade, visto que este gênero se relaciona a acontecimentos da vida do autor numa linguagem ficcional. Logo, Maria Valéria não declara ser tudo verdade, porém nos leva a crer que fatos ligados ao que vivenciou são repassados à obra.

Portanto, *Outros Cantos* pertence à literatura contemporânea, incorpora aspectos ligados ao gênero autoficção e utiliza-se de acontecimentos históricos marcados pela memória da autora, que intencionalmente nos leva a enxergar essa hibridização de gênero, alimentada por uma reflexão atenta aos aspectos de cunhos social, ideológico e cultural, nos levando ao período da História, enfrentado pelo país, conhecido como ditadura militar.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BETTO, Frei. **Batismo de Sangue.** 9ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,1987.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e Estética: A Teoria do Romance.** 5ª edição. São Paulo: Hucitec, 2002.

REZENDE, Maria Valéria. **Outros Cantos.** 2ª edição. Rio de Janeiro:Schwarcz,2018.

KLINGER, Diana. Escrita de Si como Performance. **Revista Brasileira de Literatura Comparada.**vol.12. p.11-31.2018.

VAZ, Valteri. Bakthin e o Pós-Colonialismo: A Questão do Hibridismo.2017.32fls.(Literatura comparada).Disponível em:<https://www.revistas.usp.br/>Acesso em:15/02/2020

MOISES, Leyla Perrone. **Mutações da Literatura no século XXI**: A Autoficção e os Limites do eu. São Paulo: Schwarcz, 2016.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer.** 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2009.

Recebido em: 01/2021

Aprovado em: 02/2021

1. Mestranda do Programa de Pós graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins - UFT [↑](#footnote-ref-1)